

ISSN 0872-5675

România

N.º 25
2023

ROMÂNICA

REVISTA DE LITERATURA

ROMÂNICA

REVISTA DE LITERATURA

*Departamento de Literaturas Românicas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

N.º 25

Redacção: Ângela Correia, Cristina Sobral,
Isabel Almeida, João R. Figueiredo



LETRAS
LISBOA

Consultores:

Hélio J. S. Alves (U. Lisboa), Abel Barros Baptista (U. Nova de Lisboa),
José Augusto Cardoso Bernardes (U. Coimbra), Josiah Blackmore (U. Harvard),
T. F. Earle (U. Oxford), Ettore Finazzi-Agrò (U. Roma – La Sapienza),
Paulo Franchetti (UNICAMP), K. David Jackson (U. Yale),
Silvina Rodrigues Lopes (U. Nova de Lisboa), Rosa Maria Martelo (U. Porto),
Anne-Marie Quint (U. Paris, Sorbonne Nouvelle),
Gustavo Rubim (U. Nova de Lisboa), Gilda Santos (UFRJ),
Osvaldo Manuel Silvestre (U. Coimbra), Elena Losada Soler (U. Barcelona),
Roberto Vecchi (U. Bolonha), Ivo Castro (U. Lisboa), João Dionísio (U. Lisboa),
Serafina Martins (U. Lisboa), José Cândido Martins (UCP, Braga),
Luís Sá Fardilha (U. Porto), Alva Teixeira (U. Lisboa), Zulmira C. Santos (U. Porto),
Pedro Sepúlveda (U. Nova de Lisboa), Hélio de Seixas Guimarães (USP),
Simão Valente (U. Porto).

Publicação Anual

© 2023 Departamento de Literaturas Românicas
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
www.lettras.ulisboa.pt

Paginação, impressão e acabamento:
Papelmunde
Tiragem: 200 exemplares

ISSN: 0872-5675
Depósito legal: 282739/08

In memoriam

- 9 Maria Lucília Gonçalves Pires
- 13 Vítor Manuel de Aguiar e Silva

Dante

- 17 *Esperança Carneira*, Dante Alighieri e Fernão de Oliveira: amigos (im)prováveis?
- 31 *Isabel Almeida*, Dante no século de Camões
- 55 *Ernesto Rodrigues*, Dante na imprensa periódica portuguesa oitocentista
- 69 *Rita Patrício*, «A alma é literatura»: Dante em Pascoaes e Pessoa
- 91 *Gianluca Miraglia*, Fernando Pessoa e Dante Alighieri: apontamentos para um verbete
- 107 *Ana Beatriz Andrade*, Ulisses como um signo: os ecos do Ulisses dantesco em poemas de Nuno Júdice e José Tolentino Mendonça
- 117 *Maria João Almeida*, Dante no livro português
- 129 *Manuel Simões*, A recepção literária de Dante Alighieri em Portugal
- 139 *Sebastiana Fadda*, Alguma *Commedia* – decerto *Divina* – nos palcos portugueses

Varia

- 155 *Rita Marnoto*, Onde está o exemplar de *Os Lusíadas* de 1572 com oitavas transpostas?
- 185 *Barbara Spaggiari*, Camões e o Ps. 136 *Super flumina Babylonis*
- 195 *Aude Plagnard*, «Siendo esta ya la quinta copia»: a história manuscrita das *Lusíadas comentadas* de Manuel de Faria e Sousa (1614-164?)
- 233 *Maria do Céu Fraga & Aude Plagnard*, Duas peças do mesmo *puzzle*: o «segundo borrador» de Faria e Sousa e as redondilhas camonianas
- 167 *José Adriano de Freitas Carvalho*, Silva melodina. «Presos»... «Perseguidos»... «Aventureiros»... Dos livros da livraria de D. Francisco Manuel de Melo

- 313 *Yun Liu*, O humanismo e o discurso de consolação do P.^e António Vieira em defesa dos escravos negros
- 337 *João Almeida Flor*, Francisco Luís Ameno e a versão manuscrita de *Ambleto*
- 359 *Nuno Amado*, Ricardo Reis e o ideal estético em Portugal
- 389 *Alexandre Sartório*, A ‘mística poética’ em *Serra-Mãe*, de Sebastião da Gama
- 407 *Patrícia Soares Martins*, «Isto não é um conto»: Manoel de Oliveira entre António Patrício, Agustina Bessa-Luís e Prista Monteiro
- 417 *Ariadne Nunes*, Assinaturas ficcionais em Machado de Assis: o caso do Conselheiro Aires

Recensões

- 443 *Francisco de Sá de Miranda*, *Poesia*, 2021 (Luís Sá Fardilha)
- 451 *Caetano José da Silva Souto-Maior*, *La Martinhada*, poema épico, 2021 (José Miguel Martínez Torrejón)
- 453 *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, *La saudade portoghese*, 2020 (Carlo Pulsoni)
- 455 *Carolina Michaëlis de Vasconcelos & Ricardo Jorge*, *Correspondência*, 2021 (Rita Marnoto)
- 459 *AAVV.*, *Sena & Sophia: Centenários*, 2020 (Márcia Manir Miguel Feitosa)

Onde está o exemplar de *Os Lusíadas* de 1572 com oitavas transpostas?

Rita Marnoto

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras
Centre International d'Études Portugaises de Genève

A existência de vários exemplares de *Os Lusíadas* com o mesmo registo, Lisboa, António Gonçalves, 1572, mas que apresentam subtis dissemelhanças, suscitou, ao longo dos séculos, justificadas perplexidades. Nesse âmbito, um dos espécimes que no século XIX atraiu particularmente a curiosidade de estudiosos e admiradores do poema épico de Luís de Camões foi o designado exemplar com oitavas transpostas. Este artigo carrega nova matéria acerca do seu rasto histórico e da sua identificação, bem como acerca da configuração bibliográfica dos exemplares British Library, G.11286 (BritL-G.11286), e Diocese do Algarve, Faro (DA).

1. SEBASTIÃO TRIGOSO E O EXEMPLAR COM OITAVAS TRANSPOSTAS

A chamada de atenção para um exemplar de *Os Lusíadas* de 1572 com oitavas transpostas deve-se ao diligente académico Sebastião Francisco de Mendo Trigo Homem de Magalhães. Assim refere a particularidade desse tal espécimen, no «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*», publicado em 1823 nas páginas de *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*:

Em quanto ao texto ha tambem não poucas mudanças de palavras, pois a Edição N. 1. [E/D, pelicano para a direita] tinha sahido bastante errada. No exemplar que tenho á vista acha-se a pag. 40 v huma transposição de seis oitavas. [Nota] Em lugar das Estancias 21, 22, 23, 24, 25, e 26 vem a Est. 57 e as cinco seguintes, e *vice versa*: com tudo os reclamos dos fins das paginas estão exactos: talvez que este erro não seja geral em todos os exemplares.¹

1 S. Trigo, «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*», p. 170. A publicação fez-se a título póstumo. Nascido em 1773, Trigo falecera em 1821 (ver R. Marnoto, «O “cão sagaz” de

Estas reflexões inserem-se no seio de um discurso mais vasto, dedicado às diferenças textuais e iconográficas que correm entre as duas edições de *Os Lusíadas* com data de 1572. Nesse plano, o «Exame crítico» de Sebastião Trigo não deixa de conter alguns rasgos de pioneirismo, ao apontar, se bem que de modo ainda genérico, certas características que as distinguem, relativas à iconografia e à tipografia do frontispício, à tipografia do alvará régio e da licença da Inquisição, ou à ortografia do texto.²

Movendo-se o estudioso por entre uma nebulosa de diferenças e variantes, a deslocação das oitavas redundava numa das tantas dissemelhanças com que se depara nos exemplares que teve oportunidade de examinar. Assinala a estranheza, mas sem que sobre ela se detenha, dada a ingência da matéria que tem entre mãos, ao que se acrescentará a dificuldade em compreender a sua radicação.

No âmbito das investigações de Trigo, a deslocação das oitavas exemplifica os erros daquela que o académico identificava como sendo a edição N. 1, ou seja, a edição com o pelicano que figura na edícula do frontispício voltado para a direita de quem lê. Em sua opinião, a edição N. 2, com o pelicano para a esquerda, continha menos erros.

Os Lusíadas 9. 74. 1»). A hipótese da existência de uma única edição, com introdução de sucessivas emendas tipográficas, foi desmontada a partir de fundamentos objectivos que têm na sua base a materialidade do livro. Diferenciei e hierarquizei as duas edições de *Os Lusíadas* com o mesmo registo em recentes trabalhos (R. Marnoto, «Qual é a edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um ponto final», «As duas edições de *Os Lusíadas*. *Fact check*»; R. Marnoto e R. Gigliucci, *I Lusíadi*), a partir de fundamentos que apresentei mais detalhadamente na edição crítica da *princeps* do poema (R. Marnoto, *Os Lusíadas*). Este último trabalho insere-se no projecto de edição crítica da obra de Luís de Camões que está a ser levado a cabo pelo Centre International d'Études Portugaises de Genève, tendo já sido publicados *Comédia Filodemo*, *Sonetti*, *Redondilhas* e *Canzoni* (ver *Centre International d'Études Portugaises de Genève*, em linha). Uso a sigla E/D para designar a combinação entre o início do 7.º verso da 1.ª estância, *Entre*, e o lado para o qual o pelicano se encontra voltado, *Dextra*; e a sigla Ee/S para referir a associação entre o início do 7.º verso da 1.ª estância, *E entre*, e o lado para o qual o pelicano se encontra voltado, *Sinistra*, em conformidade com o aparato da edição preparada pela Comissão da Academia das Ciências de Lisboa em 1982.

2 O primeiro estudioso a chamar a atenção para a diferença entre exemplares foi Manuel de Faria e Sousa, no século XVII (M. de F. e Sousa, *Os Lusíadas*, vol. 2, t. 4. cc. 29-32, *passim*; id., *Rimas varias*, vol. 1, t. 1, §27; editado postumamente, o comentário às *Rimas* encontrava-se em elaboração desde data pristina; ver R. Marnoto, *Os Lusíadas*, vol. 1, p. 21-23), ao que se seguiu o Morgado de Mateus, na sua luxuosa edição de 1817 (J. M. de S. Botelho, *Os Lusíadas*).

2. O DESAPARECIMENTO DO EXEMPLAR COM OITAVAS TRANSPOSTAS

Para a crítica da segunda metade do século XIX, no seu incansável afã camoniano, a existência de um exemplar de *Os Lusíadas* com oitavas transpostas não podia deixar de ser motivo de grande curiosidade.

A questão prévia que, ao caso, se colocava consistia na localização do tal espécimen. Apesar de todos os esforços para a respectiva identificação, sucessivas tentativas de aproximação e de indagação foram-se baldando, uma após outra. Ficava a pairar o estatuto fantasmático de um exemplar de 1572, com o pelicano para a direita, que, entretanto, parecia ter-se dissipado nas brumas do tempo. Tanto assim é que não se pôde verificar qualquer avanço no sentido de uma descrição mais precisa de tais particularidades.

Numa investigação acerca das diferenças entre exemplares de *Os Lusíadas* com data de 1572, vinda a público em 1861 no *Arquivo Pitoresco*, Silva Túlio vai desfiando o rol dos espécimenes que lhe foi dado observar. A descrição que deles elabora tem por objectivo defender a ideia de uma edição única, batida em continuidade, assim contrastando Manuel de Faria e Sousa, o Morgado de Mateus, Sebastião Trigoso e outros estudiosos. Contudo, quanto ao tal espécimen com as oitavas transpostas, o conservador da Biblioteca Nacional limita-se a dar por frustrados os esforços para a sua identificação: «[n]em o exemplar da biblioteca de Lisboa, nem o do sr. Minhava, segundo nos diz o sr. visconde de Juromenha, tem a transposição de seis oitavas no canto III que notou o academico Trigoso no que teve presente para o exame».³

A opinião de Silva Túlio, quanto a uma edição única do poema, batida em continuidade, encontrará em Francisco Gomes de Amorim um contraditor férreo. Com efeito, na edição de *Os Lusíadas* que publica em 1889, Amorim defende a tese das duas edições, advogando a precedência daquela em que, no frontispício, o pelicano tem a cabeça voltada para a esquerda. Na introdução ao poema, esse crítico cita largos excertos de Silva Túlio, para rebater as suas asserções ponto por ponto, sem nada deixar escapar. Contudo, a divergência de óptica quebra-se de modo flagrante, quando o assunto é o espécimen com as oitavas transpostas: «Tambem não vi nenhum com essa transposição», comenta.⁴

Também o Visconde de Juromenha não vira, conforme o afiançara no aparato à edição de *Os Lusíadas* que dera ao prelo em 1870. Sob a sua pena, o tal exemplar passa a ser o das «estancias com a numeração errada, que existiam

3 A. da S. Túlio, «Facsimile do rosto da primeira edição dos *Lusíadas*, 1572», p. 192.

4 F. G. de Amorim, *Os Lusíadas*, t. 1, p. 93.

em uma das edições examinadas para o uso do morgado de Mateus»⁵. Apesar de estas indicações serem vagas, ou por isso mesmo, merecem um breve comentário. Os dois exemplares que José Maria de Sousa Botelho teve à sua disposição, para estabelecer o texto de *Os Lusíadas*, pertenciam um a Lord Holland e outro a Joaquim José da Costa de Macedo, mostrando ambos o pelicano voltado para a direita de quem lê⁶. Tratar-se-á de um lapso de Juromenha, que se quereria referir a Sebastião Trigoso.

Conhecia muitos mais exemplares José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, Director da Biblioteca Nacional, que passou o último período da sua vida no Brasil. Num artigo publicado no Rio de Janeiro, a propósito do exemplar de *Os Lusíadas* na posse do imperador Pedro II, informa com orgulho que tivera seis em mãos e lidara com dezassete⁷. Bem se pode compreender a sua ufania, considerando que o Morgado de Mateus, para preparar a sua edição, dispusera apenas de dois exemplares. As diferenças interessavam muito a Castilho, a fim de sustentar a sua tese acerca da existência de quatro ou, no mínimo, três edições com data de 1572. Nesse sentido, é com diligência que, no referido artigo, colige uma amostragem de divergências textuais. Contudo, aquela particularidade assinalada por Sebastião Trigoso, relativa às oitavas do terceiro canto, «eu não incontrei», confessa, sem mais poder acrescentar.⁸

3. DOIS EXEMPLARES COM OITAVAS TRANSPOSTAS: BRITL-G.11286 E DA

No âmbito das pesquisas que tenho vindo a realizar acerca do texto da edição *princeps* de *Os Lusíadas* e da materialidade dos exemplares que a transmi-

5 Juromenha, *Os Lusíadas*, p. 479.

6 José Maria de Sousa Botelho, para a elaboração da sua edição de 1817, serviu-se de dois exemplares da mesma edição, hoje designada como E/D, um pertencente a Lord Holland, que actualmente se encontra na Universidade do Texas, outro obtido através de seu sobrinho, o Visconde da Lapa. A identidade do primeiro é esclarecida por Botelho, no aparato à própria edição. A identidade do segundo é desvendada pela correspondência entre o Morgado de Mateus e o Visconde da Lapa (apud A. Gallut, *Le Morgado de Mateus éditeur des Lusíadas*, p. 99). Trata-se do exemplar, por este enviado a Botelho em mala diplomática através de Londres, pertencente a Joaquim José da Costa de Macedo, conservador da Biblioteca Nacional, que gentilmente o colocou à sua disposição. Aliás, o cotejo destes dois espécimes passou pelo crivo do próprio Firmin Didot, a quem não escaparam pormenores diferenciais. Mostra-o o reconhecimento das duas folhas conjuntas exógenas que no exemplar de Lord Holland surgem interpoladas (J. M. de S. Botelho, *Os Lusíadas*, pp. VI-VII).

7 J. F. de C. B. e Noronha, «Memoria sobre o exemplar dos *Lusíadas* da bibliotheca particular de Sua Majestade o Imperador do Brazil», p. 31. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha era irmão de António Feliciano de Castilho. Faleceu em 1879, tendo o artigo sido publicado a título póstumo.

8 *Ibidem*, p. 33.

tem⁹, localizei dois espécimes em que as estâncias 21, 22, 23, e 24, 25, 26, do III canto, foram transpostas. O primeiro deles encontra-se na British Library, possuindo a cota G.11286¹⁰. O segundo pertence à Diocese do Algarve, Faro¹¹. Tive oportunidade de observar ambos *de visu*.

O desenvolvimento da presente pesquisa requer a explicação dos factores que se encontram na origem da transposição das oitavas. São de ordem técnica, encontrando-se ligados à produção impressa, pelo que a metodologia a aplicar se situa no domínio da materialidade do texto. Trata-se do domínio disciplinar da bibliografia, nas suas vertentes descritiva, analítica e textual.¹²

Para a descrição das alterações em causa, comece-se por comparar BritL-G.11286 e DA com os restantes exemplares de *Os Lusíadas* de 1572 actualmente conhecidos. As modificações envolvem a transposição do texto de dois pares de páginas, em reciprocidade, o que perfaz quatro páginas e doze estâncias. O quadro de síntese que se segue esquematiza-as. Nas colunas encimadas pelo sinal \$, registo o número das estâncias, a foliação numérica e a folha de caderno correctos. Nas colunas encimadas por dois asteriscos, apresento o número das estâncias, a foliação e a folha de caderno que, em BritL-G.11286 e DA, foram equivocadamente impressos nessas mesmas páginas:

9 Ver *supra*, nota 1.

10 Encadernação do século XIX, não assinada, mas atribuível a Charles Lewis, por semelhança com BritL-G.11285, com encadernação assinada (ver *infra*, nota 26). Mesmo marroquim vermelho, gravação a ferros dourados, pastas rígidas. Lombada curva, 5 nervos com filete de elementos vegetalista. 1.^a casa, mais alta, mesmo filete vegetalista, esquadria linear quádrupla, etiqueta 11286; 2.^a esquadria linear dupla, CAMONS. / LUSIADAS; 3.^a, 4.^a, 5.^a esquadria linear quádrupla; 6.^a, mais alta, esquadria linear quádrupla, LISBOA 1572, mesmo filete vegetalista. Capas com esquadria linear sétupla, brasão em quartos divididos por cruz com quatro círculos no extremo dos eixos e um círculo na sua intersecção, crescente no quarto superior esquerdo, circundado por linha oval. · R.^T HON^{BLE} THO.^S GRENVILLE ·, linha oval exterior dupla. Seiça das capas com linha dupla, virado com linha tripla. Cortes dourados. Eventual marca de posse manuscrita no frontispício entre REAL. e *Impressos* [...], desvanecida. Notas manuscritas. Bem conservado, esquerda do frontão e extremidade do toro inferior da coluna esquerda talvez ocultas pela colagem da folha de guarda do lado da charneira. Conservação com tratamento da encadernação em Novembro de 1990, segundo rótulo aposto a folha de guarda final.

11 Forro de pergaminho, séculos XVI-XVII, com duas cordas aparentes na capa e na contracapa junto à charneira e dobras interiores presas por folhas de guarda. Lombada, manuscrito: Camões / Lusíadas / linha horizontal / 1572 [dentro de polígono]. Marcas de posse no frontispício, acima do frontão: ex Libris Thomé Rios; antes e depois da data: Taveyra da Costa [assinatura]. Notas manuscritas. Marcas de insectos, com continuidade nas folhas e de dimensão crescente, junto ao ângulo interior esquerdo. Edícula do frontispício cortada do lado exterior na extremidade do frontão e do capitel da coluna, marcas de uso, alguns rasgos e restauros, algumas tiras cartáceas de reforço entre folhas.

12 Tem por marcos as monografias de R. B. McKerrow, *An introduction to bibliography*; F. Bowers, *Principles of bibliographical description, for literary students*; e Ph. Gaskell, *A new introduction to bibliography*; além de P. Stoppelli, *Filologia dei testi a stampa* (ver R. Marnoto, *Os Lusíadas*, vol. 1, cap. II).

| Estâncias | | Foliação | | Folha de caderno | |
|------------|------------|----------|-------|------------------|-------|
| \$ | ** | \$ | ** | \$ | ** |
| 3.21-22-23 | 3.57-58-59 | 41v | [47v] | F1v | [F7v] |
| 3.24-25-26 | 3.60-61-62 | 42r | [48r] | F2r | [F8r] |
| 3.57-58-59 | 3.21-22-23 | 47v | [41v] | F7v | [F1v] |
| 3.60-61-62 | 3.24-25-26 | 48r | [42r] | F8r | [F2r] |

Há dois conjuntos de três estâncias que foram trocados com outros três, o que redundava na transposição de quatro grupos de três oitavas. Daqui resulta a perfeita coerência do paradigma que envolve oitavas, folhas numeradas e folhas de caderno deslocadas. A cada uma das páginas de um qualquer exemplar de 1572, corresponde, nestes dois espécimes, uma outra com esse mesmo conteúdo sistémico.

A origem do erro é sinalizada, *ab initio*, por uma particularidade: os dislates verificam-se em recto e verso de uma mesma folha de impressão. Por consequência, fica excluída a hipótese de que esteja em causa uma mera troca de folhas ocorrida durante a fase de dobragem e organização dos cadernos que formam a obra, ou no momento da sua encadernação. Se assim fosse, não estaria implicado o recto e o verso de uma mesma folha.

4. BIBLIOGRAFIA. A IMPOSIÇÃO

Correspondendo as páginas fora de ordem às mesmas que noutros exemplares de 1572 se encontram regularmente dispostas, em recto e verso, há que remontar à fase do processo de produção designada como imposição.

Esse domínio do conhecimento é hoje um nicho de especialidade. Com o recurso às plataformas digitais, as técnicas de tipografia manual foram deixando de ser praticadas e conhecidas. Convirá, pois, começar por recapitular brevemente os princípios da imposição e os procedimentos que dela decorrem.

A imposição era a fase primordial da produção de um livro¹³. Integrava e planificava, coordenando-os, níveis cuja conformidade se mostrava basilar para a correção do resultado final. A inter-relação entre o tamanho de uma folha, com as medidas de manufatura originais, e a dimensão do livro que ia começar a

13 Excelente informação em W. Savage, *A dictionary of the art of printing*; e G. Pozzoli, *Nuovo manuale di tipografia*.

ser preparado devia respeitar um sistema de correspondências geométricas que requeria uma planificação prévia extraordinariamente precisa. Determinava a relação entre a folha de impressão, a organização dos fascículos, as dobragens a que essa folha iria ser sujeita, eventuais cortes, a implantação e a dimensão das páginas que nela iriam ser impressas, e a respectiva ordem no interior das fôrmas. Por conseguinte, a imposição obedecia a uma lógica geométrica impreterível, que projectava as técnicas de execução subsequentes.

O modo de distribuição das páginas na chapa previa a sequência que iriam ter no livro, mas a sua ordem na fôrma, na folha que saía da prensa e no livro de modo algum se correspondia linearmente. Note-se, desde logo, que a distribuição das páginas na fôrma estava para a respectiva disposição, na folha de impressão, como um corpo está para o espelho em que se reflecte. Além disso, a folha de impressão era sujeita a dobragens e a possíveis modalidades de agregação e cortes, em função das quais a ordem das páginas passava a ser outra, que não a da fôrma.

O formato de um livro dependia da imposição, na medida em que decorria quer do tipo específico de dobragem que a folha de impressão iria suportar (podendo as suas dimensões variar consoante o produtor, as características do papel ou cortes previamente efectuados), quer da dimensão das páginas e da sua disposição na fôrma. Essa relação obedece a uma escala de padrões perfeitamente definida: o fôlio ou in 2.º, quando a folha de impressão sofre uma única dobragem, da qual resulta uma folha conjunta e duas folhas disjuntas que formam um duerno; ou in 4.º, quando a folha sofre duas dobragens, uma perpendicular à outra, das quais resultam duas folhas conjuntas e quatro folhas disjuntas que formam um caderno¹⁴; ou in 8.º, quando a folha sofre três dobragens, das quais resultam quatro folhas conjuntas e oito folhas disjuntas; e assim sucessivamente, em consonância com a geometria do quadrilátero composto pela folha de impressão. A isso se acrescentam os formatos encasados, que juntam num mesmo fascículo folhas conjuntas impressas autonomamente, em geral por motivos de resistência física.

O sistema de correspondências que inter-relaciona a folha de impressão e a maquetagem da página também padroniza o sentido dos pontusais, que são marcas lineares deixadas no papel pelos fios metálicos mais fortes da teia da fôrma usada na sua manufactura, e das vergaduras, que são marcas lineares menos profundas e mais bastas, perpendiculares aos pontusais. Oferecem infor-

14 A designação de caderno tem na sua origem a dobragem de uma folha de impressão em quatro partes, com dois vincos perpendiculares, como acontecia para o formato in 4.º, que era muito frequente, mas por generalização metonímica passou a ser aplicada a vários outros tipos de fascículo.

mação muito significativa. Na folha de impressão, os pontusais são paralelos ao lado menor do quadrilátero que a delimita, de modo a robustecer o molde, e as vergaduras são-lhe perpendiculares, ao passo que a filigrana se situa na área central do quadrilátero formado por uma das suas metades.

No quadro da bibliografia descritiva e analítica, a página é um elemento da constelação geométrica, programada pela imposição, que só tem realidade material na relação sistémica que mantém com a folha conjunta e com o fascículo em que se insere. Uma página singular recto não existe sem a sua outra face, o verso, tal como as duas faces da folha disjunta não existem sem as outras duas da outra folha disjunta à qual ela está fisicamente ligada por uma charneira, formando uma folha conjunta. Por sua vez, em formatos para além do in 2.º, a folha conjunta não existe sem a outra ou as outras folhas conjuntas do fascículo à qual ou às quais está ligada, em virtude da ordem inerente à imposição da folha de impressão. Dela decorre a constituição específica dos cadernos in 4.º, in 8.º e assim sucessivamente.

Por consequência, o fascículo erige-se em elemento axial do modelo organizativo de um livro e do sistema que rege a relativa produção, na sua materialidade. Uma obra num formato, que não o in 2.º, é racionalmente constituída por cadernos que agregam folhas conjuntas saídas das mesmas fôrmas. A centralidade do fascículo, no trabalho oficinal, é bem traduzida pela assinatura de caderno, que prevê um sinal exclusivo para cada fascículo, ao que habitualmente se acrescenta um número de ordem para folhas que são conjuntas.

Na imprensa manual, as fôrmas trabalhavam-se aos pares. Eram impostas na sua interligação, continham as duas faces de uma mesma folha que iria ser impressa de um lado e do outro e, na prática oficinal, eram montadas simultaneamente ou, em condições de excepção, se os recursos escasseavam, uma a seguir à outra. A fôrma que continha a primeira e a última páginas do fascículo, ou seja, as páginas exteriores, é a chamada fôrma externa (ingl. *outer forme*). Por sua vez, a fôrma que continha as páginas interiores designa-se como fôrma interna (ingl. *inner forme*).

Exemplificando, num caderno com oito páginas, ou seja, um in 4.º, fazem parte da fôrma externa as páginas 1, 4, 5, 8; e da fôrma interna as páginas 2, 3, 6, 7. Dito de um modo extremamente elementar, à página 1 da fôrma externa corresponde a página 2 da fôrma interna, que se encontra impressa no seu verso, com imposição do texto na mesma direcção; e assim por diante, a 4 e a 3, a 5 e a 6, a 8 e a 7. Portanto, as duas primeiras páginas do caderno mantêm necessariamente uma relação de continuidade física com as duas últimas, às quais estão materialmente ligadas por uma dobragem no papel que funciona como charneira, constituindo uma folha conjunta. Da mesma feita, a terceira e a quarta

páginas encontram-se materialmente ligadas à pré-antepenúltima e à antepenúltima, formando outra folha conjunta.

Na fase de impressão, a folha entrava na prensa e era batida pela primeira fôrma, o que podia ser feito em dois tempos, com um movimento de deslize da maquinaria. Seguidamente, essa fôrma era retirada e substituída pela segunda fôrma que com ela fazia par. Paralelamente, a folha, já impressa numa das faces, era virada, fixada e batida pela segunda fôrma. Nas oficinas portuguesas a primeira impressão designava-se como branco, pois a folha antes de entrar na prensa estava em branco, e a segunda retirada.

5. A IMPOSIÇÃO DE *Os Lusíadas*

Feito este *excursus* acerca da imposição e da organização das fôrmas, é tempo de regressar a *Os Lusíadas* e ao sistema utilizado por António Gonçalves. Trata-se, como se sabe, de um livro que tem por formato o 4.º in 8.º, que é um regime encasado.

Quer isto dizer que cada fascículo com oito folhas disjuntas é formado por dois conjuntos de quatro folhas disjuntas que foram impressos autonomamente e depois agrupados. Primeiro é impresso um in 4.º que irá constituir metade do fascículo, e a seguir um outro in 4.º com a outra metade das folhas. Cada uma dessas duas folhas de impressão, dobrada e cortada, passará a formar um fascículo que é montado como segue:

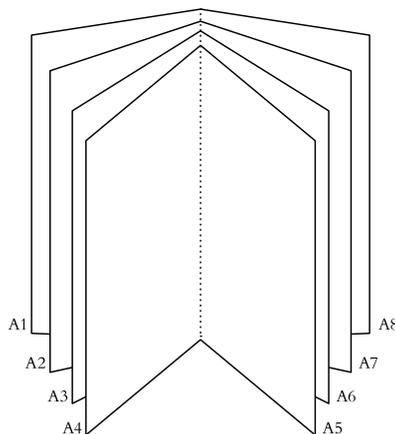


Figura 1. Fascículo de 4.º in 8.º encasado.

As folhas A1 e A8, A2 e A7, A3 e A6, A4 e A5 encontram-se materialmente ligadas por uma charneira. Daí resulta que A1 e A8, A2 e A7 foram impressas por um mesmo par de fôrmas, ao passo que A3 e A6, A4 e A5 saíram de um outro par de fôrmas. Todas essas folhas conjuntas foram posteriormente encasadas. A indicação da folha de caderno, a foliação (ou em alternativa a paginação) e os reclamos prevêm e acompanham uma ordem que virá a ser a das folhas no livro já brochado.

Sendo o 4.º in 8.º produzido por dois pares de fôrmas, que é o caso de *Os Lusíadas*, o diagrama para a imposição e a distribuição das páginas na chapa é o que segue. A sua correspondência, relativamente ao impresso, requer uma leitura em espelho:

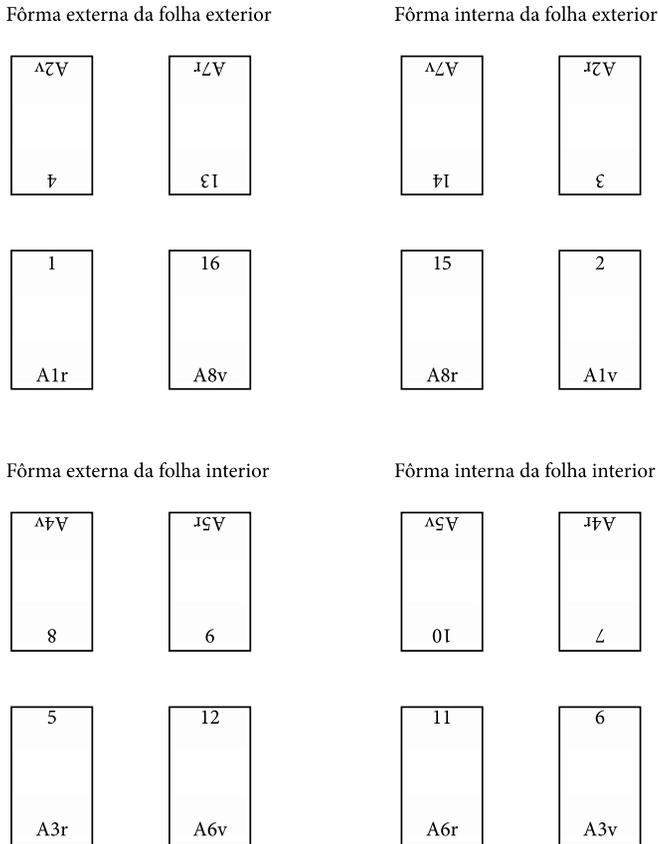


Figura 2. Diagrama da imposição do 4.º in 8.º.

A folha exterior é impressa por um mesmo par de fôrmas, fôrma externa e fôrma interna (duas folhas conjuntas, A1.A8 e A2.A7). Por sua vez, a folha interior é impressa por outro par de fôrmas, fôrma externa e fôrma interna (duas folhas conjuntas, A3.A6 e A4.A5).

Os Lusíadas são formados por um duerno inicial, ao que se seguem vinte e três fascículos, A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z. Todos contêm as oito folhas conjuntas do 4.º in 8.º, excepto o último, Z, que é formado por dez folhas conjuntas, em virtude de lhe ter sido acrescentada mais uma; e todos levam assinatura, com a respectiva letra e número da folha, até metade do fascículo. Daí resulta a seguinte fórmula de colação:

4.º in 8.º: ϖ^2 A-Y⁸[\$2,3,4] Z¹⁰[\$2,3,4,5], 188 ff. [2] 186

6. A TRANSPOSIÇÃO DE OITAVAS EM BRITL-G.11286 E EM DA

Este conjunto de dados permite explicar, a partir do plano da produção, o que se passou com a montagem de uma das fôrmas do fascículo F de BritL-G.11286 e de DA, determinando o dislate que levou à transposição de algumas das suas páginas.

A geometria da imposição não admite qualquer tipo de desvio ou falha, visto ser sustentada por princípios lógicos, que como tal não podem deixar de ser absolutos. Programação e execução técnica são duas faces de uma mesma moeda. A lidimidade da correlação entre essas duas vertentes é de tal ordem, que, quando se verifica um erro, remontando às suas determinantes, a relativa origem pode ser explicada com rigor. Da mesma feita, obtém-se informação preciosa acerca do modo como decorreu o processo de produção.

Há que verificar, pois, como se gerou a anomalia sagazmente assinalada por Sebastião Trigoso. A referência é o diagrama da imposição do 4.º in 8.º (Figura 2). O erro diz respeito às folhas de caderno F1v F2r F7v F8r (ver quadro *supra*). Em virtude da transposição operada, em vez delas surgem as folhas F7v F8r F1v F2r.

Feito o confronto com esse diagrama, verifica-se que a irregularidade afecta uma única fôrma, que é a fôrma interna da folha exterior. Na sua montagem, ocorreu um lapso que levou a que as páginas fossem trocadas de lugar. Dos quatro blocos nela dispostos, nenhum se encontra correctamente posicionado.

Para uma mais clara compreensão, o diagrama que se segue indica aquela que seria a posição canónica das páginas do caderno F, de acordo com a geo-

metria da imposição, sinalizando, através de setas, o sentido da troca que foi anormalmente efectuada:

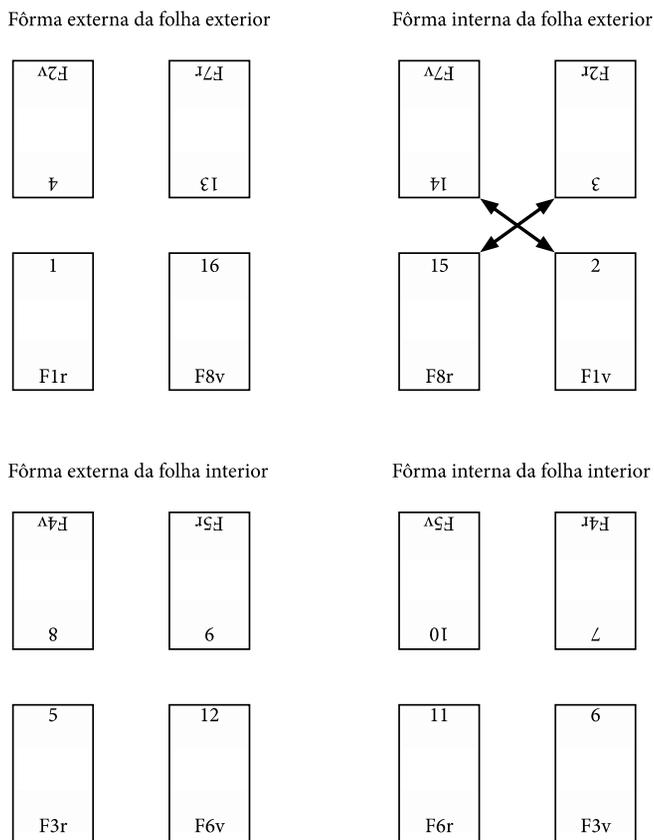


Figura 3. Diagrama da imposição do 4.º in 8.º do fascículo F de *Os Lusíadas*, com setas que indicam a transposição que se irá efectuar em BritL-G.11286 e DA.

Por sua vez, o diagrama seguinte mostra a alteração indevida das páginas, nos termos em que foi efectivamente operada na fôrma interna da folha exterior de BritL-G.11286 e de DA:

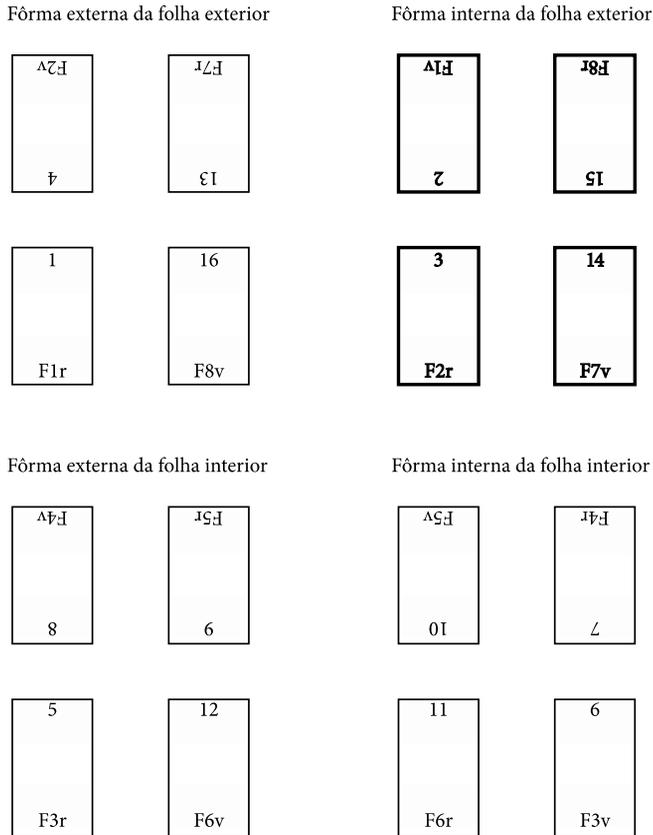


Figura 4. Diagrama da imposição do 4.º in 8.º do fascículo F de *Os Lusíadas*, com a transposição que foi efectuada em BritL-G.11286 e DA.

O motivo que levou a «huma transposição de seis oitavas»¹⁵ recebe assim a sua explicação técnica, que reside na materialidade do livro. Resta ainda compreender uma outra estranheza notada por Sebastião Trigo: «com tudo os reclamos dos fins das paginas estão exactos».¹⁶

15 S. Trigo, «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*», p. 170.

16 *Ibidem*.

De acordo com a imposição do in 4.º, numa mesma fôrma de quatro páginas há dois reclusos que estabelecem a ligação entre duas páginas dessa mesma fôrma e outros dois reclusos que estabelecem a ligação com duas páginas que se encontram na fôrma com a qual essa faz par. Se a montagem tivesse sido correcta, o recluso de F1v anunciava F2r e o recluso de F7v anunciava F8r, na mesma fôrma interna da folha exterior. Por sua vez, o recluso de F2r anunciava F2v e o recluso de F8r anunciava F8v, na fôrma externa da folha exterior. Ou seja, cada página verso (duas por fôrma) remete para uma página recto que faz parte da mesma fôrma, e cada página recto (duas por fôrma) remete para uma página verso da outra fôrma com a qual faz par.

Ora, nos dois exemplares em análise, o dislate implicou unicamente a fôrma interna da folha exterior e as páginas nela contidas foram cruzadas (Figuras 3 e 4). Estes dois factores minoram o impacto da anomalia sobre os reclusos dessa folha. Como as páginas foram trocadas em cruz, a ligação dos dois reclusos de verso para recto, que ocorrem dentro da mesma fôrma interna da folha exterior, manteve-se válida. Assim se preservou a sequência F1v F2r (ambas deslocadas > [F7v F8r]), *E com*, e a sequência F7v F8r (ambas deslocadas > [F1v F2r]), *Desta* (ver quadro *supra*). Diferentemente, os elos textuais de recto para verso, que implicam a fôrma externa da mesma folha exterior, interromperam-se, ou seja, a ligação sequencial instaurada pelos reclusos de F1r F1v (> F1r [F7v]), F2r F2v (> [F8r] F2v), F7r F7v (> F7r [F1v]) e F8r F8v (> [F2r] F8v).

A sequência que captou a atenção de Trigoso é a que liga verso e recto das próprias páginas deslocadas, e que foi de facto preservada. Trata-se de um fenómeno que resulta de uma extraordinária coincidência de factores.

Um tipógrafo podia incorrer em erros como os que acabei de descrever em virtude da interferência de factores externos ou por falta de concentração. A ser esse o caso, aquele tipógrafo da oficina de António Gonçalves que montou a fôrma interna da folha exterior do fascículo F estava de facto bastante desatento. Contudo, a própria lógica da imposição poderá ajudar a compreender até onde foi a sua desatenção. Se alterou a posição das páginas na fôrma, cruzando-as, foi porque colocou no lugar das duas páginas recto outras duas páginas recto e no lugar das duas páginas verso outras duas páginas verso, dispostas precisamente na mesma direcção (Figuras 3 e 4). Guiou-se pelo aspecto visual das fôrmas, sem verificar o seu conteúdo textual. Com efeito, a configuração do desenho de página recto era homóloga à das outras páginas recto, tal como a configuração do desenho de página verso era homóloga à das outras páginas verso (excepção feita a páginas com início e/ou fim de canto). A posição e o conteúdo da cabeça de página (em recto número do canto e foliação, em verso título do poema e

nome do autor abreviado), a mancha das estâncias (com os versos alinhados à esquerda e recuo do primeiro verso da oitava) e os blocos do pé de página (em recto, referência de fascículo, sendo o caso, e reclamo; em verso, reclamo) seguiam um mesmo padrão. O tipógrafo teria apenas atendido ao desenho de página. Quanto ao que o teria distraído ou aos pensamentos que o absorveram, são mistérios que o tempo guarda.

No que respeita à composição bibliográfica dos espécimenes em análise, BritL-G.11286 apresenta, na sua actual configuração, uma extraordinária heterogeneidade. É formado por materiais cuja proveniência editorial é díspar, na medida em que pertencem às duas edições com data de 1572, a *princeps* e a contrafeita¹⁷. As suas características fora do comum em muito atraíram, no século XXI, a curiosidade dos estudiosos¹⁸. Contudo, nem a transposição de oitavas foi assinalada ou explicada, nem as suas características bibliográficas foram dilucidadas.

Em BritL-G.11286, os materiais bibliográficos provindos das duas edições são combinados de forma densa e intrincada, numa alternância que se vai estendendo ao longo do livro. O duerno ϖ é da *princeps*, Ee/S. Os cadernos A B C D E F G H I K L M N O Q S T X Y pertencem inteiramente à contrafacção, E/D. Os cadernos P R V Z contêm folhas da *princeps*, Ee/S, e da contrafacção, E/D. Como tal, há quatro cadernos, P R V Z, formados por folhas de uma e outra das edições. Em suma, resultam da *princeps*: ϖ 1.2 P3.6 P4.5 R1.8 R2.7 V1.8 V2.7 Z3.8 Z4.7

17 A edição contrafeita (E/D) é formada por um conjunto de exemplares e de materiais bibliográficos que saiu de fôrmas independentes das da *princeps* (Ee/S), motivo pelo qual a mancha tipográfica, a composição do texto, o registo de coeficiente não têm correspondência, havendo mesmo certas ligaduras exclusivas de E/D. Identifiquei a contrafacção pelo maior desgaste das gravuras em madeira comuns a ambas as edições (ver *supra*, nota 1).

18 «Um dos exemplares mais singulares, único entre únicos, contraria todas as proposições tradicionais sobre a edição de 1572. É a cópia “esquerda” da British Library (G.11286). Esse exemplar possui o frontispício com o pelicano virado à esquerda, mas a leitura na primeira estrofe de “Entre”, isto é, provém duma página antes universalmente pertencente à outra “edição”, sendo que as suas páginas são um retalho de elementos associados a “E” e “Ee”» (D. K. Jackson, *Camões and the first edition of The Lusíadas*, p. 19); «Se tivesse sido solicitado o nosso parecer sobre a matéria [ed. fac-similada de BSMS], teríamos porventura aconselhado que a edição *fac-simile* reproduzisse um exemplar da edição *princeps* de *Os Lusíadas* textologicamente mais rico, mais complexo, mais raro e por isso mesmo mais interessante para os estudos camonianos: por exemplo, o exemplar do Harry Ransom Humanities Research Center (University of Texas), o exemplar da British Library (G.11285) [mas será G.11286], o exemplar do John Carter Brown Library (Brown University) ou o exemplar da Biblioteca Nacional de Madrid com a cota R-14208» (V. A. e Silva, «A “guerra” dos pelicanos: problema textológico da edição *princeps* de *Os Lusíadas*», p. 53). Refiz a configuração das tabelas de David Jackson, relativas a BritL-G.11286, com base na análise bibliográfica do espécimen (ver R. Marnoto, *Os Lusíadas*, vol. 1, pp. 473-475).

Z5.6. A fórmula de colação de BritL-G.11286 é, pois, bastante complexa:¹⁹

4.º in 8.º: $\varpi^2(-\varpi^2+\varpi^2)$ **A-E**⁸ **F**⁸(**F1r F1v**[=**F7v**] **F2r**[=**F8r**] **F2v F3.6 F4.5 F7r F7v**[=**F1v**] **F8r**[=**F2r**] **F8v**) **G-O**⁸ **P**⁸(-**P3.6**+**P3.6**;-**P4.5**+**P4.5**) **Q**⁸ **R**⁸(-**R1.8**+**R1.8**;-**R2.7**+**R2.7**) **S-T**⁸ **V**⁸(-**V1.8**+**V1.8**;-**V2.7**+**V2.7**) **X-Y**⁸ **Z**^{10'}(-**Z3.8**+**Z3.8**;-**Z4.7**+**Z4.7**;-**Z5.6**+**Z5.6**), 188 ff. [2] 186

Quanto a DA, trata-se de um exemplar bastante mais uniforme. Pertence inteiramente à contrafacção.

7. A FOLHA EXTERIOR DO CADERNO F

A história da tipografia permite reconstituir com alguma exactidão o modo como se desenrolava o trabalho, na segunda metade do século XVI, numa oficina semelhante à de António Gonçalves²⁰. Assim se podem compreender melhor as razões em virtude das quais BritL-G.11286 e DA são os dois únicos exemplares, actualmente conhecidos, com a anomalia descrita. Contudo, não há que descartar liminarmente a hipótese de que tenham existido ou venham ainda a ser identificados outros exemplares de *Os Lusíadas* com a mesma transposição de oitavas.

Habitualmente, quando se iniciava a impressão de uma nova fôrma, batia-se uma folha que funcionava como prova tipográfica, e que era prontamente lida pelo mestre de oficina ou por um tipógrafo com um nível cultural mais adequado²¹. Sendo seu entendimento que havia erros a requererem correcção²², a prensa parava, a fôrma era retirada e as emendas eram introduzidas na chapa. A seguir, o trabalho de impressão era retomado de imediato. Perante tão flagrante dislate, como o que ocorreu no fascículo F, a actividade da prensa devia ter sido logo sustida, para repor os blocos com as páginas no lugar correcto.

Se as folhas com lapsos eram muitas vezes descartadas, tanto mais seria de esperá-lo de uma folha tão defeituosamente impressa, com dislates que afectavam F1 F2 F7 F8. Contudo, pelo menos duas das folhas já impressas foram utili-

19 Uso o estilo redondo para representar os materiais bibliográficos da *princeps*; negrito para os materiais da contrafacção; expoente com linha para assinalar cadernos mistos.

20 Valham por todos os reenvios para J. Moxon, *Mechanick exercises [...] applied to the art of printing. The second volume*; e L. Febvre e H.-J. Martin, *L'apparition du livre*.

21 No Portugal do século XVI, o cargo de revisor de provas apenas se encontra documentado para a Imprensa da Universidade, uma instituição que contava com condições de trabalho verdadeiramente excepcionais (ver F. T. da Fonseca, «A Imprensa da Universidade no período de 1537 a 1772»).

22 Que genericamente correspondem, em termos ecdóticos, a variantes substantivas, como o mostrou W. W. Greg, *The calculus of variants*.

zadas, as que hoje fazem parte de BritL-G.11286 e de DA. O seu aproveitamento, apesar desse erro crasso, traduz bem a exiguidade dos recursos disponíveis para a edição.

O confronto entre a configuração da fôrma interna da folha exterior do caderno F, pertencente aos vários exemplares de *Os Lusíadas* com a data de 1572, adquire ainda outras implicações. Alargando o espectro do cotejo, se nos perguntarmos se o desenho gráfico da página e a configuração do texto, independentemente da transposição, são os mesmos em todos os exemplares, a resposta é negativa. Existe um conjunto de exemplares cujas ff. 41v/F1v, 42r/F2r, 47v/F8v e 48r/F8r são exactamente iguais às de BritL-G.11286 e DA, e existe outro conjunto de exemplares cujas ff. 41v/F1v, 42r/F2r, 47v/F8v e 48r/F8r em tudo diferem. Em cada um dos grupos, cabeça de página, posição das estâncias e pé de página têm uma disposição dissemelhante, e o texto acusa diferenças relativas aos caracteres e às ligaduras usados, ao seu posicionamento e à ortografia. Os exemplares do primeiro grupo podem apresentar (BritL-G.11286 e DA) ou não (restantes) a transposição. Diferentemente, nenhum dos exemplares do segundo grupo a acusa. Entre um e outro conjunto, não há estados de transição.

Uma tal divergência tem na sua origem as dissemelhanças existentes entre as duas edições que foram batidas com o mesmo registo, Lisboa, António Gonçalves, 1572, mas que saíram de fôrmas distintas, e cuja produção foi, portanto, independente²³. A variante tipográfica com transposição de oitavas é exclusiva da edição imitativa, por conseguinte contrafeita, que apresenta no frontispício o pelicano voltado para a direita, nela se lendo, no sétimo verso da primeira estância do primeiro canto, *Entre* [E/D]. Não se verifica na edição *princeps*, que apresenta no frontispício o pelicano voltado para a esquerda, nela se lendo, no sétimo verso da primeira estância do primeiro canto, *E entre* (Ee/S).

Aliás, a prática de contrafacção não era, no século XVI, *avis rara*. Bastará recordar o caso de Aldo Manuzio e dos seus *classici moderni*. Impressores de destacados centros tipográficos, como Basileia ou, em particular, Lyon, não tardaram a produzir imitações dos seus *enchiridia*, que era como Aldo, bom helenista, chamava aos seus livrinhos em pequeno formato. A contrafacção foi impulsionada pela sua grande novidade, e quando o tipógrafo veneziano difundiu um aviso, explicando como os originais saídos da sua oficina se podiam distinguir das contrafações, essa informação parece ter sido mais útil aos contrafactores do que ao próprio Aldo. Com efeito, permitiu aos impressores de Lyon aperfeiçoarem substancialmente a sua mercadoria, melhorando os aspectos denunciados.

23 Ver *supra*, nota 1.

8. ANOTAÇÕES ÀS OITAVAS TRANSPOSTAS EM BRITL-G.11286 E EM DA

Ambos os espécimes, BritL-G.11286 e DA, apresentam anotações manuscritas que constituem ricos documentos históricos acerca do modo como foi feita a leitura do texto do caderno F. São mais elaboradas no caso do primeiro exemplar.

A mão que registou uma sequência de notas, em quatro páginas do caderno F de BritL-G.11286, mostra ter detectado oportunamente a anomalia que também Sebastião Trigo reconheceu. As oitavas foram numeradas a lápis pela ordem correcta. A isso se acrescentam as anotações manuscritas, apostas a quatro páginas do caderno F, nas quais se observa com acuidade:

- f. 41r, ao fundo da página: «for 21 see reverse of F 7 p 47»
- f. 48r, ao fundo da página: «for 63 see reverse of F. 8 p. 42»
- f. 47v, ao cimo da página: «for 57 see p. 41 reverse»
- f. 42r, ao fundo da página: «for 27 see reverse of / p 48»

Trata-se de registos autógrafos²⁴ do distinto bibliófilo Thomas Grenville (Wotton Unterwood, 1755-Londres, 1846)²⁵. Político e diplomata nascido no seio de uma família da alta aristocracia britânica ligada a importantes cargos, era possuidor de uma biblioteca que se distinguia não só pela quantidade e preciosidade dos espécimes que continha (mais de 20 000 volumes), como também pelos cuidados que eram continuamente dispensados à respectiva conservação e restauro. As portas desse acervo eram franqueadas a quem desejasse consultá-lo, com aquela mesma generosidade que levou Grenville a legá-lo, por morte, ao British Museum. Daí passou para a British Library, onde actualmente se encontra.

A transposição, além de ter sido assinalada pela numeração das estâncias e pelas anotações apostas a quatro páginas, foi também anotada num quadrilátero de papel dobrado que se encontra colado numa folha de guarda aposta ao início do volume, junto à charneira do livro. Na dobragem do lado recto, a mesma mão observa:

24 Atesta-o *British Museum. A short guide to that portion of the library of printed books now open to the public*, pp. 15-16, n. 16.

25 G. B. Smith, s. v. «Grenville, Thomas», in *Dictionary of national biography*; G. B. Smith e R. H. Davis, s. v. «Grenville, Thomas», in *Oxford dictionary of national biography*.

Camoens, *Os Lusíadas*
Ed: Pr: 4.º Lisboa 1572.
 It appears that there were two
 editions both printed in 1572, and both
 so rare that it is difficult to find
 the means of collating them.
 The best account of them will be
 found in the edition of Camoens
 printed by M. de Souza 4.º 1817 and
 given by him but not sold.
 I call this Ed: Pr: because he
 inclines to think it so.
 In the 3^d Canto the printer has
 misplaced the six stanzas
 which should follow the 20th
 stanza; they should change
 place with the six stanzas
 which now follow after the recto
 of p. 47. — the copy is quite
 complete and perfect, and of excessive
 rarity.

Esta nota tem como data *post quem* 1817, ano em que saiu a edição de *Os Lusíadas* elaborada pelo Morgado de Mateus. O bibliófilo britânico parece conhecer bem as circunstâncias em que foi preparada, ao afirmar que não fora posta à venda²⁶. Contudo, afirmar que, de acordo com a opinião do Morgado de Mateus, BritL-G.11286 era uma primeira edição, carece de sentido. Na verdade, este espécimen de *Os Lusíadas* apresenta, no frontispício, o pelicano voltado para a esquerda, o que para Sousa Botelho correspondia a uma segunda edição. Com efeito, sustivera que a primeira edição de *Os Lusíadas* mostrava o pelicano voltado para a direita.

Grenville detinha um outro exemplar de *Os Lusíadas* de 1572, que actualmente se encontra, também ele, na British Library, possuindo a cota G.11285

26 No seu acervo, existia um exemplar da edição de 1817 do Morgado de Mateus, ao qual Grenville devia dedicar grande apreço, a avaliar pela sua encadernação em marroquim vermelho com largos filetes gravados a ouro, também ela de autoria de Charles Lewis (*Bibliotheca Grenvilliana*, p. 112).

(BritL-G.11285)²⁷. Trata-se de um exemplar inteiramente pertencente à contra-facção. Foi igualmente colado, numa folha de guarda aposta ao início do volume, junto à charneira do livro, um quadrilátero de papel dobrado com uma anotação autógrafa de Grenville²⁸. Nela se regista:

Camoens *Os Lusíadas*. 4.º 1572.
 There were two copies (being the
 two first editions of the work) from
 the same press in the same year,
 according to Sousa my other
 copy is in his opinion the first
 of the two. He distinguishes
 the second by the 2 pages of the
 Royal and Inquisitorial License
 being printed in a much smaller
 type than the first, and that
 difference will be found in this
 copy, but there are in this Copy
 no differences of orthography.

O teor desta nota alarga o espectro das estranhezas. «My other copy» é BritL-G.11286, que tem o pelicano voltado para a esquerda. Ora, para José de Sousa Botelho, recorro de novo, a primeira edição era a que tinha o pelicano para a direita. Quanto às considerações sobre «the second», a referência contém um certo grau de ambiguidade.²⁹

27 Encadernação do século XIX, assinada no ângulo superior esquerdo da folha de guarda da capa, carimbo gofrado, BOUND BY C[harles] LEWIS, marroquim vermelho, gravação a ferros dourados, pastas rígidas. Lombada curva, 5 nervos com filete de elementos vegetalistas. 1.ª casa, mais alta, mesmo filete vegetalista, esquadria linear quádrupla, etiqueta 11285; 2.ª esquadria linear dupla, CAMÕES. / LUSIADAS; 3.ª, 4.ª, 5.ª esquadria linear quádrupla; 6.ª, mais alta, esquadria linear quádrupla, LISBOA 1572, mesmo filete vegetalista. Capas com esquadria linear sétupla, brasão em quartos divididos por cruz com quatro círculos no extremo dos eixos e um círculo na sua intersecção, crescente no quarto superior esquerdo, para quem observa, circundado por linha oval, · R.^T HON^{BLE} THO.^S GRENVILLE ·, linha oval exterior dupla. Seiça das capas com friso que se prolonga no virado. Cortes dourados. Notas manuscritas desvanecidas. Bem conservado, mas com limiar de algumas folhas desgastado, extremidade do toro inferior da coluna esquerda e extremidade superior esquerda do estilóbata ocultas pela colagem da folha de guarda junto à charneira. Restauro em Novembro de 1990, com tratamento da encadernação, segundo rótulo apostado à folha de guarda final.

28 *British Museum. A short guide to that portion of the library of printed books now open to the public*, p. 15, n. 17.

29 Na introdução à sua edição de *Os Lusíadas*, José de Sousa Botelho observou que, no espécimen que considerava da segunda edição (na realidade a *princeps*; muito provavelmente BNP-Cam3P),

Um tal desacerto não pode deixar de causar perplexidade, tendo em linha de conta a meticulosidade com que Grenville analisou o exemplar e detectou a transposição de oitavas. Além disso, na nota registada sobre o quadrilátero de papel dobrado aposto a BritL-G.11285, observou, muito justamente, não notar «differences of orthography» entre os dois exemplares que possuía (*supra*). Considere-se que, se BritL-G.11285 é formado por materiais bibliográficos inteiramente pertencentes à contrafacção, o texto do poema propriamente dito, em BritL-G.11286, é maioritariamente composto por materiais que têm a mesma proveniência editorial.

Passando a DA, a situação é bastante mais linear. Existe um forte indício de que a transposição de oitavas não tivesse sido advertida. As estâncias de DA foram numeradas por uma mesma campanha, com referência contínua. Apesar do erro na ordenação das estâncias que se verifica no caderno F, a contagem procede continuamente.³⁰

9. IDENTIFICAÇÃO DO EXEMPLAR DE SEBASTIÃO TRIGOSO

Analisados que foram, à luz da metodologia da bibliografia, BritL-G.11286 e DA, há que verificar, finalmente, se algum deles poderá ser identificado com o exemplar das oitavas transpostas para o qual Sebastião Trigoso chamou a atenção, acabando, porém, por se exaurir num vazio.

O exemplar tinha o pelicano voltado para a direita. Como tal, seria de excluir BritL-G.11286, na medida em que, neste exemplar, o pelicano se encontra voltado para a esquerda. Contudo, existe informação no sentido de que BritL-G.11286, algumas décadas atrás, tinha outra fisionomia.

Trata-se do testemunho de Francisco Leite de Faria, que no artigo «Exemplares das cinco edições de *Os Lusíadas* publicadas no século XVI»³¹ inclui

o alvará estava impresso «com caracteres menos grossos», o que não se confirma, e a «lettra da licença da Inquisição he mais grossa do que na edição que tenho [UTexas e exemplar facultado por Joaquim José da Costa Macedo]», o que se verifica (J. M. de S. Botelho, *Os Lusíadas*, p. vii). Já no Suplemento, depois de ter tido acesso a um exemplar da *princeps* (que considerava contrafacção), pertencente à Bibliothéque du Roi, de Paris, escreve: «Naquella [a que considera a *princeps*, na realidade a contrafacção] os caracteres italicos da censura são menores que nesta [a que considera a segunda edição, na realidade a *princeps*], e pelo contrario os da assignatura do censor» (J. M. de S. Botelho, *Suplemento da nota primeira da advertência*, p. 416).

30 Também a nota ms., apostada ao verso 2. 56. 2, f. 28r, acusa alguma desatenção. Nesse verso, fica contida uma gralha palmar da edição E/D, que imprime *Maria* em vez de *Maia*, mãe de Mercúrio. Contudo, o escólio ignora o dislate, registando: «Socorro de N.^a Sr[.ª]».

31 O artigo, um dos derradeiros trabalhos de Leite de Faria (1910-1995), foi publicado em 1993, mas de há muito estava a ser preparado, conforme o mostra a correspondência trocada, em 1981, com o

informação acerca de um significativo leque de exemplares de 1572. É sintomático quanto escreve acerca de BritL-G.11285:

[H]á no Museu Britânico de Londres, G. 11285, em um exemplar da edição que tratei no n.º anterior [contrafacção, E/D], o frontispício e o fl. [2] desta edição [*princeps*, Ee/S].³²

Quer isto dizer que BritL-G.11285, que na biblioteca de Thomas Grenville fazia par com BritL-G.11286, não apresentava, em momento que rondará a década de 1980, a configuração que hoje tem. Apesar de actualmente ser um exemplar formado por materiais inteiramente pertencentes à contrafacção, quando Leite de Faria levava por diante as suas investigações, o duerno inicial, ϖ , era da *princeps*.

Estes dados configuram a hipótese de que, posteriormente, ao ser feito o restauro dos dois exemplares que outrora tinham pertencido a Thomas Grenville, tivesse sido feita a troca do duerno inicial de cada um deles. O de BritL-G.11285, que era da *princeps*, teria passado para BritL-G.11286 e, reciprocamente, o de BritL-G.11286, que era da contrafacção, teria sido deslocado para BritL-G.11285. Esta troca explicaria o motivo pelo qual a descrição de BritL-G.11285, nos termos em que foi feita por Leite de Faria, não encontra correspondência na sua actual configuração.

A ser assim, teria sido conferida homogeneidade editorial a BritL-G.11285, relegando para BritL-G.11286 outros materiais bibliográficos. O primeiro destes exemplares teria passado a ser uniformemente constituído por materiais bibliográficos da contrafacção, ao passo que o segundo, cujo caderno F continha páginas com oitavas transpostas, teria passado a agregar os restantes materiais bibliográficos, na sua disparidade, alguns da *princeps*, outros da contrafacção, numa agregação de recurso.

As questões suscitadas pelas anotações de Thomas Grenville, nos quadri-láteros de papel apostos a cada um dos volumes, poderiam então ganhar algum sentido. Quando Grenville regista, a propósito de BritL-G.11286, «I call this Ed. Pr. because he [José de Sousa Botelho] inclines to think it so» (*supra*), estaria a postular um espécimen com o pelicano voltado para a direita. Era essa, de facto, a edição que o Morgado de Mateus considerava a primeira. Por sua vez, ao escrever, na nota aposta a BritL-G.11285, «according to Sousa my other copy is in his

bispo do Algarve, Ernesto Gonçalves da Costa, depositada no Arquivo da Diocese do Algarve, Faro (ver *infra*).

32 Francisco Leite de Faria, «Exemplares das cinco edições de *Os Lusíadas* publicadas no século XVI», p. 455.

opinion the first of the two» (*supra*), reforçava, congruentemente, essa convicção. Implicitamente, Grenville parece afirmar que BritL-G.11285 é uma segunda edição, por ter o pelicano voltado para a esquerda, em consonância com José Maria Botelho.

Tendo em linha de conta que o exemplar de 1572 com as oitavas transpostas, manejado por Sebastião Trigoso, apresentava o pelicano voltado para a direita, que DA é um exemplar com o pelicano voltado para a direita, e que BritL-G.11286 poderia ter tido uma outra configuração, em virtude da qual o frontispício apresentava o pelicano para a direita, qualquer um dos dois espécimes poderia ter sido o visado pelo académico, no seu «Exame crítico».

Há, porém, resultados analíticos comparativos que validam a sua identificação com DA.

Na rubrica do «Exame crítico» intitulada «Taboa dos principaes erros da primeira Edição de 1572, que forão emendados em a segunda do mesmo anno», Sebastião Trigoso efectuou 65 cotejos distintivos entre o texto do poema, tal como se apresentava no exemplar que considerava ser da primeira edição, com o pelicano voltado para a direita, E/D (o único espécimen que conseguiu observar), e nos exemplares da que considerava ser a segunda edição, com o pelicano voltado para a esquerda, Ee/S³³. Confrontei as 65 características do tal exemplar da edição com o pelicano para a direita, que Trigoso consultou, com DA e com BritL-G.11286. Todas elas encontram correspondência em DA, fazendo ressalva de variantes na transcrição de alguns ditongos. Só uma parte delas coincide com BritL-G.11286.

A identificação do espécimen das oitavas trocadas, de Trigoso, com DA, é ainda apoiada num outro plano, relativo à história da circulação do exemplar e aos seus possuidores.

O único exemplar da contrafacção que Sebastião Trigoso pôde observar é identificado do seguinte modo, na rubrica «Catalogo chronologico das edições das obras de Luis de Camões» do seu «Exame crítico»:

He a primeira Edição de que fallámos. Os exemplares desta são hoje muito raros em Lisboa: o de que nos servimos pertencia á Livraria do defunto Bispo Inquisidor Geral, o Sr. D. José Maria de Mello.³⁴

A biografia de José Maria de Melo (Lisboa, 1756-1818) tem por fonte primordial o elogio fúnebre que lhe foi consagrado por Francisco Alexandre Lobo,

33 S. F. de M. Trigoso, «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusiadas*», pp. 199-201.

34 *Ibidem*, p. 203.

em sessão da Real Academia das Ciências de Lisboa³⁵. Nele são reiteradamente evocados o desvelo com que, ao longo de todo o seu percurso intelectual, se dedicou aos livros e às bibliotecas, bem como a grande erudição que possuía. Bacharel em Direito Canónico pela Universidade de Coimbra, ingressou em 1777 na Congregação do Oratório de São Filipe Néri, na Casa das Necessidades, em Lisboa. Quando em 1787 foi nomeado Bispo do Algarve, logo iniciou a organização de «[h]umana livraria copiosa e escolhida»³⁶, ao mesmo tempo que tomava as medidas necessárias para a fundação do seminário de Faro. Personalidade de horizontes conservadores, a breve prazo viria a ser chamado a Lisboa, para assumir as funções de director espiritual e de confessor de D. Maria I, tendo além disso sido designado Inquisidor Geral. A biblioteca que formou, no Palácio do Rossio, era, segundo Francisco Alexandre Lobo, «huma das melhores certamente, em copia e qualidade, que possuem ao tempo da sua morte as pessoas particulares de Lisboa, e de todo o Reino»³⁷. Veio a falecer pouco depois de ter regressado de uma missão desempenhada em França.

Por morte, deixou todos os seus bens à Congregação do Oratório, à Igreja do Algarve e aos seus familiares. Teria sido nessa fase que o exemplar de *Os Lusíadas*, deixado por José Maria de Melo, pôde ser consultado por Sebastião Trigo (ante 1821, data da morte de Trigo). Tudo indica que a respectiva incorporação na biblioteca da Diocese do Algarve, onde se encontra guardado, tivesse ocorrido através do seu legado.

Um nota registada numa folha de guarda inicial, a 2 de Maio de 1895 (?), pelo então Reitor, monsenhor cónego Joaquim Maria Pereira Botto (Alhandra, 1851-Lisboa, 1907), atesta a sua permanência nesse acervo³⁸. Pereira Botto, que fora designado Vice-Reitor do seminário do Algarve em 1882, levou a cabo uma vasta reorganização dos estudos. Oficial da Ordem de Santiago e camareiro secreto de Leão XIII, foi membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e de várias outras agremiações culturais, tendo-se distinguido nos campos da meteorologia e da arqueologia.

O espécime DA escapou à generalidade dos estudiosos, e só excepcionalmente foi incorporado nos elencos de exemplares de 1572 que têm vindo a ser compilados. A correspondência do bispo do Algarve Ernesto Gonçalves da Costa, conservada no arquivo da Diocese, atesta a sua consulta por Xavier

35 F. A. Lobo, «Elogio histórico do Ex.^{mo} e rev.^{mo} Bispo Inquisidor Geral, D. José Maria de Mello».

36 *Ibidem*, p. LXXIX.

37 *Ibidem*, p. XCIII.

38 «Nota / Esta edição foi definida / primeira pela Inspeção / geral das Bibliothecas e / Archivos publicos — 2 de / maio de 1895 [?] O Reitor / Mons.^{or} Conego J. M. Pereira Botto». Essa hierarquia entre edições acompanha a opinião que na época era dominante.

Coutinho e o pedido de informações acerca das suas características, a que já aludi, apresentado por Leite de Faria. O primeiro, em carta de 7 de Fevereiro de 1981, exalta a sua preciosidade e o seu valor monetário (que avalia em cerca de 1 000 contos), informando tê-lo devolvido por correio registado. Inclui-lo-á na lista de exemplares que publicará nesse mesmo ano³⁹. O segundo, impossibilitado de se deslocar a Faro, colhe informações indirectas, nem sempre muito precisas, solicitadas por carta de 28 de Junho de 1983 e recebidas através da resposta de 13 de Julho do mesmo ano⁴⁰. Além disso, em 2009 João Ruas havia de o incluir no elenco de espécimes conhecidos⁴¹. Não foi contemplado pelo estudo de David Jackson.

Está identificado, por conseguinte, o exemplar com as estâncias trocadas que Sebastião Trigofo teve ao seu dispor, e que assim emerge da sombra em que se encontrava oculto. Silva Túlio, o Visconde de Juromenha, Francisco Gomes de Amorim e José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha poderão agora obter uma resposta para a questão que se colocaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SIGLAS DE: LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, LISBOA: ANTÓNIO GONÇALVES, 1572

BritL-G.11286 = BritL-G.11285, British Library, Londres

BritL-G.11285 = BritL-G.11286, British Library, Londres

BNP-Cam.1P = Cam. 1P., Biblioteca Nacional de Portugal

BNP-Cam.3P = Cam. 3P., Biblioteca Nacional de Portugal

BSMS = N.º 05 Quota: CF-2, Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento,
Guimarães

DA = Diocese do Algarve, Faro

2. EDIÇÕES DE LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*

Amorim, Francisco Gomes de (ed.), Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa:
Imprensa Nacional, 1889, 2 ts.

39 B. X. Coutinho, «A edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?). Muito provavelmente houve 3 edições *princeps* e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572», p. 573.

40 F. L. de Faria faz uma breve referência a DA em «Exemplares das cinco edições de *Os Lusíadas* publicadas no século XVI», p. 449.

41 J. Ruas, «Os dois pelicanos», p. 60.

- Botelho, José Maria de Sousa (ed.), Luís de Camões, *Os Lusíadas. Poema épico*, Paris: Firmin Didot, 1817
- Comissão da Academia das Ciências de Lisboa para a Edição Crítica d'«Os Lusíadas» (Ed.), Luís de Camões, *Os Lusíadas. Reprodução paralela das duas edições de 1572*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1982 [ed. semelhante, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda]
- Juromenha, Visconde de [João António de Lemos Pereira de Lacerda] (Ed.), Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1870
- Marnoto, Rita (Ed. crítica da *princeps*), Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève, 2022, 2 vols.
- Marnoto, Rita e Gigliucci, Roberto (Ed.), Luís de Camões, *I Lusíadi*, Milano: Bompiani, Firenze: Giunti, 2022 [Classici della Letteratura Europea]
- Sousa, Manuel de Faria e (Ed.), Luís de Camões, *Lusíadas [...]*, Madrid: Juan Sanchez, a costa de Pedro Coello, 1639, 2 vols., 4 ts. [reed. facs., Pref. Jorge de Sena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972, 2 vols.]

3. OUTRAS REFERÊNCIAS

- Botelho, José Maria de Sousa, *Suplemento da nota primeira da advertência*, s. l.: s. ed., s. a. [10 pp. (415-424), ex. das provas tipográficas gentilmente disponibilizado pela Casa de Mateus, 1818?]
- Bowers, Fredson, *Principles of bibliographical description*, New York: Russell & Russell, 1962 [1.ª ed. 1949]
- British Museum. A short guide to that portion of the library of printed books now open to the public*, London: The Trustees, George Woodfall and Son, 1851
- Coutinho, [Bernardo] Xavier, «A edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?). Muito provavelmente houve 3 edições *princeps* e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 16, 1981, pp. 571-720
- Dictionary of national biography*, Ed. Leslie Stephen, New York: Macmillan and Co. London: Smith, Elder, & Co., 1885-1900.
- Faria, Francisco Leite de, «Exemplares das cinco edições de *Os Lusíadas* publicadas no século xvi», *Anais. Academia Portuguesa da História*, 34, 1993, pp. 446-494
- Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean, *L'apparition du livre*, Paris: Albin Michel, 1958 [2000. *O aparecimento do livro*. Trad. Henrique Tavares Castro, rev. Artur Anselmo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian]

- Fonseca, Fernando Taveira da, «A Imprensa da Universidade no período de 1537 a 1772», in Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes, Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal e Fernando J. Regateiro, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da história*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2001, pp. 7-54
- Gallut, Anne, *Le Morgado de Mateus éditeur des Lusíadas*, Paris: Klincksieck, Lisboa: Bertrand, 1970 [*O Morgado de Mateus editor de Os Lusíadas*, Trad. Maria Carlos Loureiro, Lisboa: Alêtheia, 2015]
- Gaskell, Philip, *A new introduction to bibliography*, Oxford: Oak Knoll Press, 1995 [1.^a ed. 1972]
- Greg, Walter Wilson, *The calculus of variants*, New Castle: Clarendon Press, 1927
- Jackson, K. David (Ed.) (2003). *Camões and the first edition of The Lusíadas*, Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth [cd-rom]
- Lobo, Francisco Alexandre, «Elogio histórico do Ex.^{mo} e rev.^{mo} Bispo Inquisidor Geral, D. José Maria de Mello», *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 6, parte 1, 1819, pp. liii-cvii
- Marnoto, Rita, «O “cão sagaz” de *Os Lusíadas* 9. 74. 1», *Colóquio. Letras*, 206, 2021, pp. 186-191
- Marnoto, Rita, «Qual é a edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um ponto final», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 41, 2021, pp. 8-9. / «A proposito della *editio princeps* dei *Lusiadi*: un punto finale”, *Insula Europea*, Trad. Beatrice Smali. Em linha.
- Marnoto, Rita, «As duas edições de *Os Lusíadas*. *Fact check*», *Colóquio. Letras*, 208, 2022, pp. 79-90
- McKerrow, Ronald B., *An introduction to bibliography for literary students*, Oxford: Clarendon Press, 1928 [1927; reed. 1994. New Castle: Oak Knoll Press]
- Moxon, Joseph, *Mechanick exercises [...] applied to the art of printing. The second volume*, London: Joseph Moxon, 1683
- Noronha, José Feliciano de Castilho Barreto e, «Memoria sobre o exemplar dos *Lusiadas* da bibliotheca particular de Sua Majestade o Imperador do Brazil», *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 8, 1880-1881, pp. 9-38
- Oxford dictionary of national biography*, Oxford: Faculty of History, University of Oxford, 1922-.
- Payne, John Thomas e Foss, Henry (Ed.), *Bibliotheca Grenvilliana or bibliographical notices of rare and curious books forming part of the library of the Right Hon. Thomas Grenville. Vol. 1*, London: William Nicol, Shakespeare, Pall Mall, 1842

- Pozzoli, Giulio, *Nuovo manuale di tipografia*, Milano: Gaetano Brigola, 1882 [1.^a ed. 1861]
- Ruas, João, «Os dois pelicanos», [anexo a] *Os Lusíadas de Luís de Camões. Restauro da primeira edição de 1572*, Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, pp. 21-65, 2009
- Savage, William, *A dictionary of the art of printing*, London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1841
- Silva, Vítor Aguiar e, «A “guerra” dos pelicanos: problema textológico da edição *princeps* de *Os Lusíadas*» [2004], in *A lira dourada e a tuba canora*, Lisboa: Cotovia, 2008, pp. 23-54
- Sousa, Manuel de Faria e (Ed.), *Rimas varias [...]*, Lisboa: Imprensa de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real, 1685-1689, 2 vols., 5 ts. [reed. facs., Pref. Jorge de Sena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972, 2 vols.]
- Stoppelli, Pasquale, *Filologia dei testi a stampa*, nuova ed. aggiornata, Cagliari: Centro di Studi Filologici Sardi, 2008 [1.^a ed. 1987]
- Trigoso, Sebastião Francisco de Mendo, «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*», *Historia e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 8, parte 1, 1823, pp.167-212
- [Túlio, António da Silva], «Facímile do rosto da primeira edição dos *Lusíadas*, 1572», *Arquivo Pitoresco*, t. 4, 22, 173-175; 23, 183-184; 24, 191-192, 1861